

## A CRIAÇÃO: UMA AGENDA ATUAL

*Valdir R. Steuernagel*

### O PARAÍSO

"Da leitura de Gênesis se infere que Adão, nosso primeiro pai, não usava toga ministerial ou acadêmica, manto de rei ou anel de bispo; não trazia tampouco jarreteiras ou barretes, nem gravata cinza para as reuniões do diretório, nem guarda-pô de físico nuclear, nem lapela para o distintivo do partido, nem uniforme de hippie ou boêmio; e sua excentricidade era tão extrema que tampouco queria usar calças; acho que deveria reler o Gênesis, pois as letras sagradas sempre ensinam algo."

*(Sara Zapata Valeije)*

### DEUS CRIADOR

Eu estava em São Luís do Maranhão, no Nordeste brasileiro. Na convivência alegre com um grupo de estudantes, ensinava sobre "História da Salvação" e lembro até hoje como aque-

les jovens degustavam as cousas de Deus.

O meu tema me levava necessariamente a falar da criação, reivindicando o absoluto direito de Deus sobre todas as cousas e seres viventes, como Deus criador que era.

Surpreendeu-me, no entanto, a reação de um dos líderes estudantis presentes. Foi para ele uma descoberta perceber, entender e vislumbrar que Deus exercia o seu domínio sobre todas as áreas da vida. Na sua concepção, a atuação de Deus se restringia à igreja.

Sua reação é paradigmática de segmento significativo da nossa população cristã. A teologia da criação é uma ilustre desconhecida entre nós. Acresce-se a isso o fato de que o nosso conceito de mundo é confuso e/ou unilateral. Não sabemos, muitas vezes, o que fazer com o mundo.

Na nossa concepção corriqueira, o nosso Deus é o de alguns versículos do Novo Testamento onde nós, individualmente, somos redimidos de um mundo mau e esperamos ansiosos pelo mundo futuro que será melhor. Os outros ... bem, que é que nós podemos fazer?! O mundo ... bem ... esse será destruído.

Esta é, certamente, uma visão distorcida do mundo e da vontade de Deus. É verdade que somos redimidos mediante Jesus Cristo e que o mundo será destruído. Mas é verdade também que o desejo de salvação, da parte de Deus, não quer alcançar só a uma pessoa aqui e outra acolá. Ele quer abraçar a todos os homens e a própria criação, que foi atingida pela cruz de Cristo. O amor de Deus é criador e redentor, amplo e pessoal.

Com clareza podemos afirmar que este mundo por Deus criado não foi abandonado, esquecido ou triturado. Ao mesmo tempo em que afir-

mamos este compromisso de Deus com a criação, temos plena consciência de que vivemos no seio de uma geração caída e de um mundo que carrega o signo da queda, fruto do pecado. E por isso ele é por Deus amaldiçoado, como a Palavra de Deus no-lo testemunha.

A realidade da criação - "Eis que é muito bom" - e a da queda - "No suor do teu rosto ..." - convivem lado a lado no coração de um Deus que sofre, ama e quer redimir o homem e a totalidade da sua criação.

Hoje é necessário redescobrir e reacentuar o testemunho do Deus criador para que o compromisso que temos, como cristãos, num mundo criado e amado por Deus, se torne mais claro e efetivo.

Se Deus é o criador, e ele é, então não podemos deixar o mundo entregue à sua própria desgraça, nem os homens a mercê do diabo e seu espírito enganador.

Tenho certeza que, se mergulharmos um pouco na confissão da criação, a nossa missão sairá fortalecida.

#### CRIAR: UMA LIVRE OPÇÃO

Deus é suficiente em si mesmo e não necessita de complementação alguma. Deus não necessita do mundo: do sol, lua, estrelas, homens e animais. Apesar disso, ele cria: elimina o caos, cria luz, traz à vida natureza e seres viventes e povoa a terra. E toda a criação recebe a aprovação e o regozijo de Deus!

"E viu Deus que tudo era bom!" (Gn 1.31)

O motivo para toda a criação reside na deliberada e agradável vontade de Deus. A própria criação é um ato de graça. Nós existimos, o mun-

do existe - o sol, a lua, as estrelas, os animais, o verde, os montes e vales - porque Deus decide criar. Se Deus não é, nada existe e nada há! Como diz K.Barth: "Deus é a medida fundamental para tudo que existe e que é possível. Não existe realidade que não esteja fundamentada em Deus, o qual torna possíveis todas as coisas. Nenhuma possibilidade, nenhum sentido de realidade pode significar limitação ou impedimento para Deus. O que ele quer, ele pode. Poder-se-ia caracterizar o poder de Deus como a sua liberdade. Deus é livre ... Ele tem poder sobre tudo que seja possível no tempo e no espaço. Ele é a medida e o fundamento do tempo e do espaço; ele não tem limites." (1)

E Deus cria do nada. É a chamada "creatio ex nihilo". Para nós, isso é inimaginável; não conseguimos raciocinar nestes termos. Estamos acostumados a desenvolver, produzir, edificar - mas não a criar. Acostumamo-nos a pensar a partir de um determinado dado, a construir sobre um determinado elemento. Nós sempre carecemos de uma matéria-prima, de um ponto de partida. Deus, no entanto, cria do nada. Onde nada há, nada se move, nada se transforma, nada evolui - ali Deus cria; e cria o mundo todo. Do nada, Deus cria tudo, baseado exclusivamente na sua ação e palavra criadora: "E disse Deus", "Fez, pois, Deus". Isso não é passível de compreensão, mas objeto de fé. É proclamado dentro de um contexto no qual religiões orientais e filosofias modernas, como o marxismo e evolucionismo, confessam a eternidade da matéria. (2) Nós, porém, cremos na única eternidade de Deus, e na criação da matéria como também do tempo e do espaço.

#### CRIADOR E CRIAÇÃO

Nós confessamos a Deus como o criador; ao

homem, a natureza e todas as coisas como criadas. É preciso ressaltar a abismável diferença entre criador e criação. É, em si, a distância entre a vida e a morte. Ou, expresso em palavras de Emil Brunner: "a maior diferença entre duas coisas que podemos imaginar é aquela entre o Criador e o que é criado". (3)

A própria expressão "criação" pressupõe um criador, isto é, só há criação se houver um criador.

Essa afirmação representa uma negação a toda tendência panteísta, que quer ver uma dissolução do Criador na criação; ou seja, ver a Deus em todas as coisas. Nega também a possibilidade de uma teologia natural, que quer reconhecer a Deus na natureza, e denuncia como absurda toda tentativa do homem de ser igual a Deus. É ridículo o objetivo pecaminoso da criação de se tornar criador. Esta é uma distância intransponível.

#### A CRIAÇÃO: UM SUMÁRIO GERAL

Há, no Antigo Testamento, vários relatos que abordam a criação, com uma concentração específica nos Salmos 8 e 139 e em Gênesis 1 e 2. Em Gn 1 e 2 encontramos os relatos específicos da criação. É importante compreendê-los como parte do Antigo Testamento e, como tal, intimamente relacionados com o povo de Israel: é Israel que testemunha a Deus como criador de todas as coisas.

Os relatos de Gênesis 1 e 2 falam sobre o mesmo assunto: a criação. Mas, se tomarmos o homem como referencial, veremos que a aproximação dá-se desde diferentes perspectivas.

No capítulo 1, o homem é o último a ser criado, estando, assim, no topo de uma pirâmide: é a coroa da criação. Neste relato, o es-

tado original da terra se apresenta como caótico e Deus o altera pela sua palavra e ação: "Disse Deus", "Fez Deus". Em primeiro lugar se cria a luz, é estabelecida separação entre o firmamento e as águas, e entre estas e a terra seca.

Depois são criadas as plantas, os animais e o homem, sendo homem e mulher criados simultaneamente, e à imagem de Deus.

Em Gn 2 o homem representa o centro de um círculo. A terra se encontrava em forma similar à estepe e o primeiro ser criado é o homem, secundando-o as plantas e os animais.

Neste relato, a mulher é criada depois do homem, tirada da sua costela.

Ainda referente ao homem, KIRK estabelece uma interessante correlação: "Gn 1.26 põe em relevo a relação do homem com Deus: o homem é sua imagem e semelhança. Também fala acerca da relação entre o homem e sua natureza: uma relação de senhorio da parte daquele. Gn 2.7 ocupa-se dos detalhes físicos do homem, quer dizer, sua constituição". (4)

Mas, seria correto falar tão facilmente do homem como a coroa da criação? Está ele, afinal, tão distante do mundo animal? Sim e Não! Não, porque no relato de Gn 1 não só o homem é criado no sexto dia, mas também os animais domésticos, répteis e animais selváticos. Nem ao menos um dia separa o homem dos animais (Gn 1.24 ss). Não, porque em Gn 2 não só o homem, mas também os animais são formados da terra (Gn 2.7 e 19). Até a matéria-prima é a mesma.

Sim, porque em Gn 1 os animais não são feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), e em Gn 2 eles não recebem o "fôlego da vida" (Gn 2.7).

E, com isto, chegamos ao homem e à mulher como uma criação caracteristicamente diferente, nomeada por Deus para "dominar sobre toda a terra" (Gn 1.26), "sujeitando-a pelo domínio" (Gn 1.28), "multiplicando-se e povoando-a" (Gn 1.28). Este sentido de mordomia se concretiza quando os próprios animais lhe são dados para mantimento, (Gn 1.30) e ele recebe o encargo de lhes dar o nome característico (Gn 2.19).

Concluimos, com Wolff, ressaltando três pontos essenciais a partir dos dois relatos:

- a) O homem está em proximidade imediata com o animal,
- b) Devido à atenção especial que Deus vota ao homem, este é, ao mesmo tempo, imensamente diverso do animal, ao ponto de toda a criação de Deus vir a ser o mundo do homem,
- c) Apenas o homem e a mulher juntos representam um homem inteiro e aceitável." (5)

Com isto já lançamos as bases para o significativo fato do homem ter sido criado à imagem de Deus.

#### "À IMAGEM DE DEUS O CRIOU"

Não podemos desligar do seu contexto a afirmação de que o homem foi feito à imagem de Deus. Como que falando consigo mesmo, Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". E, logo a seguir: "... tenha ele domínio ..." (Gn 1.26). Concretizando-se o seu objetivo, Deus cria o homem e a mulher à sua imagem, abençoa-os e diz: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai ..." (Gn 1.27,28). Há uma aparente relação imediata entre imagem de Deus e domínio sobre a natureza, fórmula esta assim definida por H.W.Wolff: "Imagem de Deus - O administrador do mundo".

---

Isto quer dizer que não devemos buscar o significado da "imagem de Deus" fora do próprio texto. Ela não significa uma semelhança física entre Deus e o homem, nem que o homem é um pequeno deus na terra. É no próprio contexto que o significado deve ser procurado.

Isto quer dizer, em primeiro lugar, que o homem é colocado numa relação especial para com Deus: o único a ser criado à imagem divina. Em segundo lugar, quer dizer que o homem é colocado em relação com a natureza no papel de administrador.

Na medida em que Deus administra toda a sua criação, o homem é imagem de Deus no momento em que administra o que Deus lhe designou: como administrador ele é a imagem de Deus. É a imagem de Deus na medida em que se ocupa com as mesmas coisas que Deus criou. É importante ressaltar, no entanto, que "o seu direito de domínio e a sua obrigação de dominar não são autônomos, mas têm caráter de imagem", por isso não se encarrega da "sua tarefa com arbitrariedade de dono, mas como administrador responsável" (6).

A definição de Pedro Arana nos oferece um quadro mais amplo: "e em que consiste essa imagem? Diríamos que no complexo de atributos que o constituem uma pessoa: sua capacidade intelectual, sua vontade, suas emoções, sua consciência moral, os quais resultam em que ele seja co-partícipe na transmissão da vida, que exerça a autoridade que Deus lhe delegou para dominar sobre a natureza, e em ser constituído no único ente sobre a terra que pode ter comunicação com seu Criador". (7)

É dado ao homem, enfim, o encargo da cultura, elegantemente esboçado por Ludwig Köhler: "Este encargo se dirige a todos os homens; abarca todos os tempos; não há qualquer ação hu-



mana que não lhe esteja subordinada. Aquele primeiro homem que, exposto com os seus aos ventos gelados na estepe, pôs algumas pedras umas sobre as outras, inventando assim o muro, a base de toda a arquitetura, cumpriu esta tarefa. Aquele primeira mulher que abriu um furo num espinho duro, ou numa espinha de peixe, passando por ele um pedaço de um tendão de animal para poder unir alguns fragmentos de couro, inventando assim a agulha, a costura, o início de toda a arte de roupas, executou esta incumbência. Até hoje toda a instrução de uma criança, qualquer espécie de escola, todo escrito, todo livro, toda técnica, investigação, ciência e ensino com os seus métodos, instrumentos e instituições, não são outra coisa senão o cumprimento desse encargo. Toda a história, toda aspiração humana está sob este sinal, sob esta palavra da Bíblia". (8)

Este é um quadro ideal puro que sentimos chocar-se contra a nossa própria realidade. Nós não podemos entender a nossa situação hoje, a não ser através do signo da queda. Será que a coroa da criação não está se transformando na cruz da criação? Há um pouco de cada em cada um de nós e na sociedade como um todo.

Devemos ressaltar, ainda, que, entretanto já fica claro que o encargo da administração é dado a toda a comunidade dos homens, e não a grandes dominadores. Que a sujeição só pode ser da natureza e dos animais e nunca de outros homens. Que o exercício administrativo deve ser responsável, isto é, de acordo com as necessidades de sobrevivência de cada um e da totalidade dos homens, e nunca para a satisfação de objetivos meramente individuais e, por isso, egoístas. Implica também num cuidado ecológico. E ainda, que "a sujeição do mundo não deve levar a que o homem seja dominado pelo mito de uma técnica que produza aquilo que tecnicamente pode ser produzido, apenas por causa

desta possibilidade, submetendo, com isto pessoas humanas a coações técnico-econômicas". (9)

#### OBJETIVOS DA CRIAÇÃO

O real objetivo da criação pode ser delineado apenas por Deus mesmo. Algumas suficientes migalhas, no entanto, chegaram até nós, pela própria revelação de Deus.

Calvino diz magnificamente que o mundo foi criado para ser "theatrum gloriae Dei": o palco no qual Deus se manifesta, no qual quer ser reconhecido e adorado. E ainda mais: que o mundo participe da sua glória e testemunhe da sua grandeza.

Como diz Barth: "E se me fosse perguntado pelo objetivo da criação: para que tudo isso, para que os céus, a terra e toda criatura? - eu nada saberia dizer além de: 'Como palco da glória de Deus'." Este é o sentido: que Deus seja glorificado. Deus quer se tornar visível no mundo e, por isso, criar é uma ação divina carregada de sentido: "Eis que era muito bom". (10)

Não que Deus tivesse criado o mundo para que, num monumental concerto de ópera, Adão e Eva se revezassem em Aleluias. Deus é glorificado na medida em que a sua criatura lhe é obediente e cumpre com o seu mandato. Isto é:

- mantenha abertos e harmoniosos os canais de comunicação com Deus, através da obediência;
- viva em comunhão com o seu semelhante;
- exerça o domínio responsável em relação à natureza.

#### A CRIAÇÃO E O POVO DE ISRAEL

Já vimos anteriormente que os relatos da

criação se encontram dentro do quadro do Antigo Testamento e, como tal, fazem parte da própria história do povo de Israel.

### 1. Da criação à cosmovisão

O fato de Deus ser o criador dos céus e da terra é fundamental para a história do povo de Israel: Deus antecede e é o autor dessa própria história. Senão, que Deus seria esse? Mais um mero deus tribal como tantos outros? Mais uma divindade nacional, como as que tinham os povos circundantes?

Não, o Deus de Israel, autor da própria história, do povo, é o criador dos céus, da terra e de tudo que neles há. É a partir dessa confissão básica que se articula uma cosmovisão, na qual as coisas e os homens têm origem, sentido e segurança. É a base para o próprio monoteísmo de Israel.

### 2. Uma confissão desmitificadora

A confissão de que Deus é o criador, não só de Israel, mas de todo o universo, isto é, que ele é um Deus universal, além de dar uma cosmovisão aos israelitas é um testemunho aos povos: é a base para a missão configurada no chamado de Abraão: "Sê tu uma bênção" (Gn 12.2).

Uma das consequências mais importantes dos relatos da criação foi o processo de desmitificação que eles impetraram.

Ter uma história da criação a contar não era nenhuma novidade para o mundo contemporâneo do povo de Israel. Vários outros povos a tinham, inclusive, com uma estrutura literária idêntica à de Gênesis.

Por que, então, os relatos do Antigo Testamento têm esse poder de dinamite? Em primeiro lugar, por afirmarem que a natureza é natu-

reza e nada além disso. Nenhum detalhe da natureza pode ser divinizado. Ela é livre da influência dos deuses.

É impressionante a maneira tão simples como a Bíblia trata a criação das grandezas tão fundamentais como o sol, a lua e as estrelas. Eles são luzeiros totalmente maleáveis nas mãos do criador. Com isso se está dizendo a todos aqueles povos que adoram o sol, a lua e as estrelas que estes nada têm de divino e estão totalmente nas mãos do criador. Eles são "desdivinizados", desmitificados.

Algo idêntico precisa ser dito hoje, novamente, a todos aqueles que dizem estarem as estrelas com a verdade. Não apenas o sol, mas toda a natureza, nada tem de divino. Os trovões nada mais são que trovões, relâmpagos nada mais que relâmpagos: todos os mitos do ambiente são destruídos. O mundo é devolvido ao homem. Novamente se escuta a voz de Deus: "Multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e, sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). Como diz Gerhard von Rad: "Quanto mais conseqüentemente o mundo é visto como criação, com tanto mais conseqüência se pode falar da sua natureza de mundo" (11).

As implicações vão ainda mais longe: a matéria do corpo do homem é terrena: "Então formou o Senhor Deus o homem do pó da terra" (Gn 2.7a; conforme ainda Sl 90.3 e 103.14). Nada há de divino no homem: "nas suas veias não corre o sangue de um deus abatido, como em mitos babilônicos da criação, nem o homem se originou das lágrimas do deus-sol, como muitas vezes se dizia no Egito, desde os inícios do reino médio". (12)

E, por último, com o testemunho da criação, Israel está desmistificando a própria con-

cepção de monarquia de outros povos. Isto quer dizer que a origem da dinastia real está em fatores puramente históricos e não divinos, como se cria, e que o exercício da monarquia não é, tampouco, de inspiração dos deuses. (13)

A confissão de que o mundo é mundo, a natureza é natureza, o homem é homem, é um profundo grito de libertação. O homem é livre para cumprir a vontade de Deus, sendo-lhe todo o mundo o espaço vital para o exercício do seu domínio responsável.

É esse grito de liberdade que caracteriza o testemunho da criação do povo de Israel. E era essa característica que os relatos de outros povos não tinham. Vejamos apenas um deles, de origem dos germanos: o mundo foi feito do defunto de Ymir, que era uma divindade. Do seu sangue foi feito o mar; do casco do cérebro, o céu, e do miolo, as nuvens. Esse Ymir, de cujo defunto se originou o mundo, tinha sido assassinado por Odin e seus irmãos, sendo parentes de Ymir, através de sua mãe, iniciando-se assim um assassinato familiar (14). Que trágica origem, que terrível início! Que infinita diferença entre o peso de um tal relato e a liberdade do relato bíblico, que nos leva a exclamar: vivamos, pois Deus nos deu espaço e nos convocou a ser mordomos.

Muito se tem discutido sobre o caráter, sentido e origem de Gn 1 e 2. Não quero, neste momento, ser mais um a acrescentar páginas para a discussão. Só quero enfatizar que mais do que já disse não é preciso: os relatos de Gênesis 1 e 2 são o tremendo testemunho de um povo que se encontra com o seu Deus e a ele atribui a origem de todo o mundo e de todas as coisas. Isto supera em muito ao fruto de uma reportagem ou conclusão de tratado científico,

pois dá razão para a esperança que há em nós. Até aí, nem a reportagem, nem a ciência podem chegar.

#### A CRIAÇÃO HOJE

A confissão do povo de Israel não está morta, mas é atual à medida que nós estabelecemos "através da Igreja" a continuidade desse povo. É atual também pelo simples fato de existirmos, de vivermos, pois, se Deus não é criador, nós não existimos. Deus é criador dos céus, da terra e de tudo que neles há; esta é também a nossa confissão.

Deus não é apenas o criador do mundo e do primeiro homem, mas é também o criador de cada homem em particular (Sl 139; Is 17.7). Assim, Deus não criou o mundo, abandonando-o depois às próprias leis e cuidado, mas segue, na medida em que cada homem até hoje é fruto da palavra/ação criadora de Deus. Deus continua presente a cada momento, mantendo o universo com energia e vida (Dt 32.6; Jô 38.25-27 e 36 e 37; Cl 1.17; Hb 1.3). Assim que, se Deus pára, nós paramos; se Deus dormir, nós sucumbimos; pois é nele que "vivemos, e nos movemos e existimos" (At 17.28).

Crer no Deus criador não é algo do passado, mas é presente e, como tal, testemunho nosso. É saber a respeito da nossa própria origem, ter sentido para o nosso presente e segurança para o nosso futuro.

O nosso testemunho difere do do povo de Israel, porque o expressamos através de Jesus. Ele é o ponto central e o referencial único do nosso testemunho. Assim, a nossa contagem do tempo não se dá a partir de um ponto inicial, mas a partir de um ponto central, que é o nascimento de Jesus de Nazaré. Em Cristo se começa para a frente e para trás. Assim, nós não

---

começamos com a criação, mas chegamos a ela, começando com Jesus: ele é o centro de todos os acontecimentos e mediador da própria criação. (Jo 1.1ss; Jo 5.17ss; Jo 17.24; 1 Co 8.6; 1 Pe 1.20; Cl 1.16; Hb 1.2 e 10ss) (15).

A encarnação de Jesus, assumindo, como Filho de Deus, a forma de homem, representa para nós o sinal vivo do Deus criador. Jesus se tornou o parâmetro para o testemunho de Deus como o criador e ele mesmo se constituiu nas lentes através das quais se enxerga a ação de Deus: "Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas e nós também para ele" (1 Co 8.6).

Isso aniquila toda a possibilidade de se chegar a Deus pela natureza, representando a negação da teologia natural. Condena-se como idolatria toda tentativa de adorar a natureza. "Não é na existência do mundo em toda a sua grandeza que podemos ler que Deus é o criador. O mundo, com a sua tristeza e com a sua morte, sempre nos será um espelho escuro sobre o qual podemos fazer idéias otimistas ou pessimistas. Mas a respeito de Deus, o criador, ele não fala. E sempre, novamente, há idolatria quando o homem quer ler a verdade a partir do sol, da lua, das estrelas ou de si mesmo. Deus é conhecido pela sua palavra e pode ser reconhecido no mundo, brotando daí um alegre louvor a Deus e levando o homem a buscá-lo e encontrá-lo em um, que é Jesus Cristo". (16)

A confissão de que Jesus é o co-partícipe e mediador de toda a criação não é apenas um ato saudosista, mas atual na medida em que ele é o Redentor. O mundo, a partir de Gn 3, é caído e traz consigo a marca do pecado. A morte e ressurreição de Jesus representam um sinal de esperança para este mundo: ele é o Redentor de toda a criação, através do sangue da sua cruz

---

(Cl 1.20). Ao homem e ao mundo dá-se uma palavra de esperança através daquele que é chamado de segundo Adão (Rm 5.12ss; 1 Co 15.45ss).

Agora é possível ouvir de uma maneira nova e redimida a voz de Deus: "E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). O próprio conceito de domínio adquire novo colorido a partir de Jesus: é pelo modelo de domínio de Jesus que devemos exercer o domínio sobre a natureza, ou "na forma de dominar do crucificado, a administração do mundo confiada ao homem é libertada de sua auto-destruição, tornando a aparecer a imagem de Deus na sua liberdade" (17).

É preciso redescobrir essa dimensão da redenção à luz de toda a criação. Domingos Barbé retrata as consequências dessa ausência de relação entre o mundo criado e o Deus criador com um dramático parágrafo: "... se a Redenção não atinge a criação em todos os seus aspectos, mundo material, história e sociedade humana, se ela não abrange o cosmo inteiro, então Deus nada tem a ver com as lutas deste mundo. Ele se tornou o grande ausente da história e, por conseguinte, a política pertence unicamente ao domínio de César, que pode exercer o seu poder sem controle nenhum. Não é de se estranhar, então, que os inimigos do Cordeiro gritem: 'Não temos outro Rei senão César!' Não podemos admirar que se usem as armas de Maquiavel para governar a cidade humana. Desde que os aspectos sociais e políticos da Redenção não são mais reconhecidos, a realeza de Jesus Cristo limitou-se ao mundo das almas e do sentimento individual". (18) Certamente não é assim.



---

## CONCLUSÃO: AS IMPLICAÇÕES DA CRIAÇÃO

Se tudo que dissemos até agora é verdade, então é necessário tirar as conseqüências do relato da criação para os nossos dias.

Que lugar ocupa, em realidade, o testemunho da criação em nossos dias? Não está a criação relegada em demasia ao início da Bíblia, no Antigo Testamento, sendo que nós lemos apenas o Novo? Creio, sinceramente, que precisamos re-descobrir o fundamental da criação para a nossa vida diária e para a articulação de uma cosmovisão que solidifique a nossa fé e possibilite o surgimento de uma apologética enraizada e ofensiva.

Quero enumerar algumas implicações do testemunho da criação que me parecem importantes para nossos dias:

### 1. Integrar a criação na redenção;

Procurando caracterizar a prática cristã dominante dos nossos dias, a frase de Ricouer não poderia ser mais acertada: "O pecado é abundante na exterioridade, enquanto a graça é superabundante na interioridade". Resumimos o nosso cristianismo a grandezas tais quais o perdão e a graça, e uma realidade individual e interiorizada: são dizem respeito ao nosso coração. Enquanto isso, entregamos o mundo a Satanás. "O mundo está realmente cada vez pior: e onde abunda o pecado, nada se pode fazer"; este é, para muitos, o pensamento corrente.

Quem, no entanto, leva a sério a criação e a dimensão global da redenção de Jesus, não pode ficar apenas na superabundância da graça na interioridade, mas deve traçar as conseqüências da criação e redenção para todo o mundo, e colocar-se à disposição como agente restaurador do Deus criador e seu Filho redentor.

Mesmo caído, o mundo permanece sendo criado e, depois da cruz redentora de Jesus, há para ele nova esperança (Rm 8).

2. Reenfatar as ordens da criação, que são a base para uma ética social. Definimos "ordens da criação" com as palavras de P. Arana: são "na esfera das relações sociais, as características impressas por Deus para relacionar e unir os homens no seu estado de integridade numa forma precisa; portanto, são características que permanecem como pressuposições inalteradas na própria médula de toda a existência histórica, e que, mesmo variando através de sua expressão no tempo e no espaço, são inalteráveis na sua estrutura fundamental"(19).

São estas as "ordens da criação": matrimônio, procriação e família; trabalho e cultura; e dia de repouso. São os elementos fundamentais que dizem respeito à vida do homem. Quem não as levar em conta, fere a vontade de Deus e a característica fundamental do ser humano. Alguns incluem ainda o Estado e a Igreja, mas estes, como tais, só existem depois da queda.

### 3. Elaborar uma antropologia sadia

Um dos pecados fundamentais do homem tem consistido no seu inconformismo com o fato de ser criatura, e o seu anseio doentio de ser igual a Deus. O relato da criação nos leva a diferenciar definitivamente entre criador e criatura, e a constatar que a criatura está no seu devido lugar quando se aceita como tal.

Descobrir-se como criatura de Deus pode se tornar uma alegre experiência, quando a pessoa se apercebe do amor do Criador investindo a alto risco na criação do homem. Este tem um importante papel a desempenhar na obediência a Deus e domínio no mundo.

E o homem, enquanto não se aceitar como criatura e reconhecer o Criador, não se achará como pessoa. Indo um passo além, H.Thielicke diz que "uma pessoa que se afasta do Senhor da criação perde, com o tempo, a própria criação" (20). Sob a mão do homem, transforma-se o mundo, dividindo-o em primeiro, segundo e terceiro, de conformidade com o desenvolvimento alcançado justa ou injustamente, tornando-o uma vasta zona de tensão entre Oeste e Leste, num palco de corrida armamentista, de avanço atômico, de zonas de influência. Ou aproximamo-nos do "fantasma de idéias" do existencialismo com seus secos gritos do abandono e falta de alternativa, ou contemplamos alguns quadros de Picasso, para reconhecer que: "Não nos afastamos apenas do Salvador e, com isso perdemos a paz, mas concomitantemente e relacionado com isso, se nos escapou também o mundo, no sentido como Deus o queria para nós". (21)

Só há realização e sentido para o homem na medida em que ele reconhecer a Deus como o seu criador, e a si mesmo como criatura chamada a uma nobre tarefa, na obediência a Deus. Esta é a base de uma sadia antropologia.

#### 4. Viver liberto e sem medo

A natureza é natureza. O mundo é mundo. Todo o mundo nos é dado como espaço para a vida. Esta não depende das estrelas, do sol ou da lua, nem do homem, mas de Deus somente. Toda consulta a essas grandezas da natureza como fornecedores da verdade, ou objeto de veneração - desde o horóscopo até as religiões panteístas, passando pela vaca sagrada da Índia - deve ser dessacralizada e o mundo liberto para o exercício do nosso domínio responsável.

#### 5. Dominar é tarefa comum

Na tarefa de domínio delegada a Adão está

simbolizada toda a comunidade dos homens e sua tarefa. O domínio da natureza é encargo de todos, e não de apenas alguns grandes dominadores. Os limites do domínio são bem claros e não incluem o homem. Como tal, somos todos iguais, mesmo exercitando diferentemente nossa responsabilidade. Nenhum homem tem direito de domínio sobre outro homem: nem econômico, nem político, nem social, nem ideológico, nem religioso. Na convivência entre os homens deve-se exercitar a comunhão e o respeito.

#### 6. O relacionamento com a natureza deve ser responsável

Em Gn 1, logo após o mandato do domínio, Deus concede ao homem as ervas e os animais para mantimento. O exercício do domínio se dá no fato de o homem zelar pela preservação e propagação dos componentes do quadro natural e no seu uso como mantimento na medida das necessidades.

Toda destruição irresponsável é pecaminosa, todo acúmulo desnecessário é ilícito e todo usufruto individualista em prejuízo da coletividade é condenado. Isto tem relação com a questão ecológica, a distribuição dos recursos e rendas e o consumismo individualista.

#### 7. A relativização da propriedade particular

A terra não é propriedade do homem, mas espaço para o exercício da sua responsabilidade e execução do seu trabalho. Toda a terra pertence a Deus, sendo o homem apenas o mordomo.

A propriedade privada não é necessariamente uma instituição sagrada, tornando-se ilegítima quando não sabe levar em conta a necessidade da comunidade. Precisamos redescobrir os princípios do jubileu.

## 8. O machismo e o feminismo são condenados

Toda tentativa de superioridade do homem sobre a mulher ou de independência e autonomia arrogante desta encontram a sua negativa na Palavra de Deus.

São há homem completo quando são homem e mulher. Em Gn 1 são criados juntos e em Gn 2 a mulher é criada em função do evidente estado incompleto de Adão. Não há superioridade, mas complementação. E em direção a isso é que devemos caminhar.

Parece-me que esses pontos oferecem uma agenda fértil, que quer nos acompanhar na caminhada do reino.

Adiante! Viva a vida! Glória a Deus!

### NOTAS

- (1) BARTH, K. *Dogmatik in Grundriss*. EVZ. Zürich, 1947. p.53.
- (2) KIRK, Andrés. *Así Confessamos la Fe Cristiana*. Buenos Aires, La Aurora, 1976. p.70.
- (3) BRUNNER, Emil. *Man in Revolt*. Filadélfia, The Westminster Press, 1947. p.90.
- (4) KIRK, *ibid.*, p.78.
- (5) WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1975. pp. 132 e 211.
- (6) WOLFF, *ibid.*, pp.212/213.
- (7) QUIROZ, Pedro Arana. *Providencia y Revolución*. Madrid. p.35.
- (8) KÖHLER, Ludwig. *Der hebräische Mensch*. 1935. p. 1120.
- (9) WOLFF, *ibid.*, p.218.
- (10) BARTH, *ibid.*, p.66/67.
- (11) RAD, Gerhard von. *Christliche Weisheit*, em: *Ev th* 31. 1971, p.151.

- 
- (12) WOLFF, *ibid.*, p.130.
  - (13) KIRK, *ibid.*, p.78, nota 1.
  - (14) THIELICKE, Helmuth. *Wie die Welt Begann.* Stuttgart, Wueld-Verlag, 1964. p.15.
  - (15) CULMANN, Oscar. *Christus u. d. Zeit.* Zürich, EVZ-Verlag, 1962, 3.ed., pp.33-40 e 105.
  - (16) BARTH, *ibid.*, p.60.
  - (17) WOLFF, *ibid.*, p.218.
  - (18) BARBÊ, Domingos. "Conseqüências Políticas da Redenção." Em: *Firmeza Permanente.* São Paulo, Loyola, Veja, 1977. p.164.
  - (19) QUIROZ, *ibid.*, p.31.
  - (20) THIELICKE, *ibid.*, p.22.
  - (21) THIELICKE, *ibid.*, pp.22/23.